

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 3500
—Para outras localidades. 2500
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

O Império Colonial Português

O MAR era uma atracção. Já no reinado de D. Afonso Henriques, Portugal possuía uma boa frota marítima para a defesa costeira. Mais tarde, D. Diniz deu grande incremento à Marinha, mandando construir junto à foz dos rios Lis e Lena os estaleiros navais que aproveitariam as madeiras do pinhal de Leiria, mandado semear por ele, e alguns historiadores afirmam terem os navegadores portugueses chegado até às Canárias no reinado de D. Afonso IV. Porém, só no reinado de D. João I a nossa Marinha recebeu o impulso devido. Portugal, pequeno povo do extremo Ocidental do Mundo conhecido, criara personalidade, crescera em prestígio perante as outras nações. Depois de banidos os mouros e constituídas as fronteiras, que havia a fazer? Apenas cultivar o solo conquistado palmo a palmo em lutas heróicas e defender a integridade do património avoengo, mas isso era pouco para o espírito aventureiro dos portugueses. Sempre os portugueses sentiram a sede da aventura, uma como que nostalgia do desconhecido; e, por isso, o mar tentava-os.

O Infante D. Henrique foi o grande instigador das descobertas, fundando a escola náutica de Sagres. Aí, vendo as vagas em loucas cavalgadas a desfazer-se contra as

SÍNTESE DUMA FORÇA,

Documento Vivo duma Raça

rochas em espuma de neve e luar, ele ouviu no marulhar das ondas vozes divinas e convidá-lo á epopeia. O Infante sonhou... E o sonho lindo fez-se realidade, quando as caravelas lusas se abalançaram, num rasgo de inaudita coragem, á descoberta de Novos Mundos.

A pouco e pouco, foram surgindo na vastidão do mar sem fim, terras maravilhosas, que hoje são o nosso orgu-

lho, quebrando-se as absurdas crenças do mar Tenebroso.

A tarefa de desbravar os mares torna-se uma necessidade.

A largada das frotas era um espectáculo grandioso. As naus sumiam-se na curva do horizonte, levando para arrojadas empresas os pioneiros

GIL ANTUNES

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Os Dominadores do Mundo

Este sonho obcecou a maior parte dos chefes dos grandes Estados da Europa, desde a queda do império romano, no ano 395 da nossa era.

Alternativamente, Carlos Magno, Carlos V, Luis XIV, Napoleão, Guilherme II, e, ultimamente, Hitler, quiseram quebrar em seu favor o equilíbrio europeu e ressuscitar o império romano. Tantos uns como outros foram mal sucedidos. E o mesmo acontecerá a quem ousar recomeçar.

E' interessante observar como esta ideia fixa domina toda a política da Idade Média e dos tempos modernos. Vemos Carlos Magno, rei dos Francos, proclamado rei dos Lombardos e patriarca de Roma, senhor da Es-

panha, da Baixa Itália, de Saxe e da Baviera; fez cingir seus filhos em Roma, um como rei da Itália e outro como rei da Aquitânia, alia-se ao imperador do Oriente, e quer ser coroado imperador dos romanos pelo Papa Leão III, que a isso se presta com saustação no ano 800.

Nos termos da Bula de Ouro,



Filarmónica 1.ª de Janeiro (Limpinhos)

TAVIRA

Terra de Velhas e Belas Tradições Musicais

POR PEDRO DE FREITAS

Sentindo na respectiva época o influxo da música popular, João Francisco Leiria, Francisco de Assis Leiria, José Mendes Silvestre e João Rodrigues da Gama, constituem-se em comissão organizadora para fundarem a primeira Banda civil, que, de facto e de direito, daria á cidade a novidade da filarmónica.

E' certo que desde 1848 Tavira possuía a sua Banda Militar; mas a influência da popularidade exigia a sua comparticipação na música, e era para satisfação dessa exigência que a comissão organizadora envidava seus esforços.

Filarmónica Primeiro de Janeiro

de estímulo e brios próprios; e, assim, a Filarmónica Primeiro de Janeiro apruma-se, disciplina-se, e, de impecável apresentação em público, a breve tempo alcança o orgulhoso apelido de «Limpinhos».

De fato preto e lacinho branco, como uniforme, a Primeiro de Janeiro um dia apresenta-se em Faro. Notada devidamente pelos farenenses, dada a sua apresentação, começa a ser adoptada de «Limpinhos». Assim, surgiu a alcunha de que sempre se ufanou.

Foram seus regentes: Professor José Pedro Alexandrino de Almeida (mestre de capela), e

Um Homem e a Sorte

Há pessoas que, habituando-nos a vê las dia a dia, invariavelmente, não nos sendo necessárias de modo directo, chegam ao cabo a fazer-nos falta. A sua ausência, por fim, como que quebra a harmonia do quadro pitoresco da cidade, sentindo-se que qualquer coisa não está certa, que neste ou naquele recanto há algo de incompleto e de diferente.

Estava nesse número o Valentim, o malgrado cauteleiro da sorte. E difícil seria provar que ele não fazia já parte integrante da nossa terra. Calcorreando as ruas com duas ou três caute-las pregadas na lapela, a ostentar no habitual boné de pala ou na bicicleta, em calças de golfe, ele era sempre o mesmo Valentim, o Valentim das corridas á roda da pista e do «anda á roda» na sexta-feira.

Hoje, principalmente nos primeiros tempos, muitos lhe notarão a falta. Era daquelas criaturas que, ganhando a vida, tinham sempre um riso aberto para rematar uma anedota ou uma

conversa despreocupada para oferecer. Grangeava simpatias.

Morreu há pouco. E com a sua morte a cidade perdeu uma parcela de si própria, pequena parcela decerto, mas suficiente para ser notada por aqueles que lhe querem verdadeiramente com todas as virtudes e defeitos e a observam com amor.

Morreu o pobre Valentim... Ele, o distribuidor da sorte, o portador da cornucópia de ilusões nos prémios chorudos, o cauteleiro corredor que irradiava boa disposição... Quem poderia imaginá-lo estendido e inerte?

Chamavam-lhe também, e não sei porquê, o «Catrapuz». E foi uma queda da máquina rolante que motivou agora a sua última corrida, a corrida para a eternidade.

Coincidenças estranhas e caprichosas do destino...

Eis o mais que podemos dizer, com tristeza, ao lembrar e fechar, aqui, a história dum homem da Sorte, a quem, afinal, a mesma Sorte, ingrata, não quis proteger.

A. Melo Horta



Os «Namorais»
sob a regência
do famoso cornetista
Aureliano
José Gonçalves

os eleitores da Alemanha deviam jurar «pela fé que os ligava a Deus e ao santo império romano»

Damião de Vasconcellos

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Comandante José Emilio Henriques de Brito

Foi nomeado Delegado da Junta Central das Casas dos Pescadores, na Província do Algarve, o Senhor Comandante Henriques de Brito, ilustre Capitão dos Portos de Vila Real de Santo António e de Tavira e Presidente da Casa dos Pescadores desta Cidade.

No desempenho destas elevadas funções, terá este distinto Oficial de Marinha a oportuni-

dade de demonstrar mais uma vez a sua grande dedicação e inteligência, postas devotadamente á causa da assistência aos pescadores.

O «Povo Algarvio», por esse facto, envia-lhe as suas sinceras homenagens pela merecida nomeação e deseja-lhe as maiores felicidades no desempenho do elevado cargo em que foi investido.

Breve, toma regulares foros artísticos. A Banda Militar servia

João Guerreiro, competente e abnegado técnico, durante os longos anos de vida da sua dilecta Primeiro de Janeiro.

Teve a banda períodos artísticos de relevo. Mas o mais importante de todos foi quando, em 1908, no certame de Faro, se defrontou em prova de competência com a Minerva de Loulé. E, se não fora a fatalidade do seu primeiro cornetista, decerto, obteria o primeiro prémio.

Em 1901, por deligências de Francisco António das Chagas Franco, aparece uma segunda banda civil, sob o nome de Filarmónica 29 de Setembro.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

DE TOULOUSE...

Portugal, como centro de atracção mundial

A Nação Portuguesa vive dias de glória e de esplendor que podem justamente comparar-se aos mais belos e gloriosos da sua História multi-secular. Por toda a parte se nota esse estado de grandeza e de ressurgimento que torna Portugal um país invejado por todos os estrangeiros que têm a sorte de o poder visitar. E' que entre o Portugal tal qual ele hoje se apresenta a nacionais e estrangeiros e o Portugal que precedeu o dia para sempre memorando de 28 de Maio de 1926 existem tão profundas diferenças que os estrangeiros que conheceram este Portugal decadente e agora voltam à nossa Pátria ficam pasmados perante as realidades vivas que fazem de Portugal um dos povos mais progressivos da Europa e até do Mundo inteiro. Parece que houve uma mão de fada que tudo transformou, que tudo animou, que deu vida a tudo quanto parecia estar morto. O espírito português levantou-se do seu estado letárgico e retomou o vigor incomparável, aquele vigor tão característico da nossa raça, aquele vigor que foi a causa das descobertas, aquele vigor que deixou escritas, em letras de ouro, as mais brilhantes páginas da história da Humanidade.

E' este Portugal novo, este Portugal totalmente transformado, que hoje se apresenta ao Mundo, orgulhoso do seu presente e seguro do seu futuro. Felizmente, o Mundo volta os seus olhos para a nossa Pátria e quase parece que ela exerce uma espécie de mágica atracção sobre os estrangeiros que desejam, a todo o custo, vir até nós para melhor nos conhecer, para se poderem formar uma ideia mais adequada da nossa prosperidade, da nossa influência civilizadora. Para nós, portugueses, que vivemos no estrangeiro nada pode haver de mais consolador do que dar-nos conta exacta deste movimento de simpatia profunda por tudo quanto é português, por tudo quanto forma parte integrante da nossa cultura e da nossa civilização. Podemos dizê-lo, com legítimo orgulho; entre todos os povos da Europa não existe nenhum outro cuja atracção civilizadora possa comparar-se à que actualmente exerce o nosso País.

O caso português está produzindo os seus naturais efeitos no Mundo. Os estrangeiros sentem-se comovidos pelo estado de prosperidade material e espiritual que é característica natural do nosso País. Muitos deles estão animados dum desejo intenso de poder conhecer, fundadamente, as causas que determinaram este estado de prosperidade que pode considerar-se único nos nossos dias. Estamos, portanto, seguros de que Portugal vai constituir, dentro de pouco tempo, um dos maiores centros de atracção mundial. O turismo português vai desenvolver-se cada vez mais, pois os estrangeiros que visitam o nosso País estão sendo, e continuarão a ser, os melhores pregoeiros, os mais eficazes propagandistas das nossas coisas. A' medida que forem desaparecendo as graves dificuldades criadas pela guerra e que a troca de divisas se vá normalizando, a afluência de estrangeiros, irá aumentando, pois a maior parte deles não o podem hoje realizar, seja por causa dessas dificuldades, seja pela impossibilidade de adquirir as divisas portuguesas de que necessitam para poderem viver na nossa Terra.

Este estado de opinião criado no estrangeiro é uma prova evidente do prestígio incalculável de que hoje goza Portugal, prestígio que aumenta, de dia para dia,

prestígio que é o mais forte motivo de orgulho para todos nós, mas, duma forma muito especial, para os que somos obrigados a passar uma boa parte da nossa vida em terras estranhas. Também antes de 1926 estávamos em país estrangeiro, mas nessa data o caso era inteiramente contrário. Quase tínhamos vergonha de dizer que éramos portugueses, pois dizer português, era o mesmo que dizer, ser filho duma nação miserável, duma nação decadente, duma nação que mais devia pertencer à África do que à Europa, tal era o seu estado de atraso e de miséria, em todos os sectores da actividade nacional.

O que a maior parte dos estrangeiros não acerta a compreender é como Portugal conseguiu transformar-se num tão curto lapso de tempo; como passou, pelos seus próprios meios e sem ajuda alguma externa, desse estado de miséria vergonhosa ao estado de progresso em que hoje se encontra. Isto é realmente inexplicável; isto é verdadeiramente pasmoso. Por isso, esses estrangeiros sentem a necessidade de vir até nós para palparem essas realidades, para descobrirem as causas duma tão radical transformação. Dia após dia, ano após ano, a afluência de estrangeiros aumentará, aumentando desta forma os melhores defensores e os mais seguros propagandistas das nossas doutrinas, dos nossos princípios, das nossas realizações, em suma, da nossa civilização.

O prestígio de Portugal no Mundo cresce continuamente, sem que sejam capazes de o diminuir alguns detractores, alguns traidores à nossa Pátria. Esses traidores só provam a nossa grandeza, pois nunca houve uma obra de grande valor que não estivesse marcada pelo sinal da contradição. Mas o que nos causa fundado prazer é o saber que Portugal continua a sua marcha ascensional pelas vias do progresso, sem que esses inimigos, sem que esses traidores sejam capazes de o deter um só momento nesta sua marcha triunfal pelos caminhos da verdadeira civilização, pelos caminhos da glorificação nacional.

Portugueses, sejamos dignos deste nome, servindo a nossa Pátria e mostrando a nossa gratidão aos homens que tornaram possíveis tão fortes realidades. Sejamos dignos do presente, para sermos senhores do Futuro!...

Prof. Bras dos Reis

Um Apelo

No apelo lançado pelo nosso jornal no n.º 754, para angariação de donativos destinados à compra do estrepotomicina para uma criança de 7 anos, conseguimos obter apenas a quantia de 30.000, que entregámos ao pai para comprar uma caixa de injeções de cálcio.

Os subscritores foram os srs.:

Custódio Farrajota	10.000
José Rodrigues	10.000
Rita Rodrigues	5.000
Gertrudes do Livramento Ca-	
pa Rosa	5.000
Soma	30.000

Propriedade em Santo Estevão

Vende-se, com excelente residência, no Largo da Igreja.

Tratar com José Luis Cesário — Tavira.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Herminia dos Mártires Carvalho Peres.

Em 17—D. Estela Lemos Soares de Matos, D. Virginia Amélia Guimarães Chaves Ramos e sr. Manuel de Jesus Ribeiro.

Em 18—Mle. Maria José da Palma Gonçalves e srs. Reverendo Domingos Duarte e José Leonardo Nogueira.

Em 19—D. Maria Luisa da Trindade Custódio Palermo, D. Maria Olinda Costa Trindade, D. Maria Luisa Trindade Mendonça e sr. José Manuel Padinha.

Em 20—D. Umbelina da Cruz Matos Parreira e srs. João Estêvão Baptista Pires, Sebastião José Dias e Sebastião Baptista Leiria.

Em 21—D. Aurélia de Avelar Santos, D. Cristiana Lopes Cordeiro, D. Lucília Inez Mateus de Araújo Oliveira e srs. Dr. Zózimo Ramos e Luis José Ribeiro de Jesus.

Em 22—D. Maria Luisa Viegas Ventura.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade, tendo já regressado à sua casa em Lisboa, o sr. Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo.

Partiu para o Porto o nosso conterrâneo sr. António Joaquim Gil, estudante de Engenharia.

Regressaram da Capital, onde foram passar as festas, a esposa e filha do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Virgílio Correia Monteiro, proprietário da Tipografia Modêlo.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª Dr.ª D. Maria da Graça Mansinho; esposa do sr. Dr. Eduardo Mansinho, advogado, nesta cidade.

Agradecimento

O P.º Sebastião Amândio Viegas Costa, na impossibilidade de agradecer individualmente, vem por este modo manifestar publicamente a sua gratidão a todas as pessoas que lhe deram a honra da sua comparência na sua Missa Nova, declarando-se sobremaneira reconhecido a todos que, de modo especial, concorreram para o esplendor de tão grandioso acto e lhe enviaram lembranças, sobretudo aos Rev.ºs P.ºs Patrício e Domingos Duarte e demais clero, às Ex.ºas autoridades civis e militares e ao incansável grupo coral de Tavira.

Dos Livros...

Coleção Azul

Nesta colecção, que constitui uma biblioteca ideal para as raparigas e que inclui dezenas de volumes de Maz du Veuzit, Amaral Junior, Leo Darty, Leygarda Ferreira, Françoise Roland, Oeite de Saint Maurice e outros escritores nacionais e estrangeiros sobejamente consagrados para os adjectivarmos, acabam de sair dois volumes da autoria de Magali que na colecção já tem cerca de meia centena de volumes.

Os dois recentes volumes editados pela Livraria Romano Torres, uma das Casas Editoras com maior efectivo de livros publicados anualmente, em variadas colecções, intitulam-se «Princesa por uma noite» e «O teu coração não engana» e ambos têm um enredo interessante aliado a uma linguagem acessível sem ser, de resto, de todo chã.

Anda por aí uma fama injusta acerca dos romances da «Colecção Azul»: que são superficiais e todos do mesmo género, bastando ler um para se saber o que contém os outros. Mentira tendenciosa e urdida com sentido reservado. Os romances da «Colecção Azul» sem ter aquela profundidade de muitas obras pretenciosas que por aí correm em nossa língua, não deixam de encarar os mais variados problemas da vida e muitas vezes, quasi todas mesmo, possuem mais filosofia e «densidade humana» que muitos desses pretensos romances de tese.

Há fogo na floresta

Assim se intitula o 8.º volume da colecção editada pela Livraria Clássica Editora sob a epigrafe «Os melhores livros para crianças» e da qual fazem parte alguns dos melhores trabalhos no género, da autoria da saudosa Virginia de Castro e Almeida.

«Há fogo na floresta», da autoria de David Severn, está traduzido em francês, sueco, espanhol e holandês e a versão na nossa língua deve-se a Natividade Gaspar. José Cambraia ilustrou o com desenhos muito originais e adequados ao texto e uma capa a cores muito sugestiva.

Por todas as razões apontadas e por outras que não desejamos apontar mas que se verificarão pela sua leitura, «Há fogo na floresta» é um livro recomendável para todas as crianças dos nove aos treze anos. Os pais, avós e amigos que o não compraram para ofertá-lo

Crónicas da... Vida!

POR NARCISO

Eu sou leitor um «quidam», um reles escrevinhador daqueles que abundam às vezes pelas gazetas provincianas, que sem a estética e a graça de «Melquiades» nem os coloridos fulgurantes dos «Arco-Iris» de «Alex», tento esgaratar alguma coisa, a qua chamarei «Crónicas da... Vida».

Sem a promessa duma assiduidade constante, o que quer dizer semanal, motivo de circunstâncias várias—e até da falta de assunto—farei o que puder, se, para tal, não me faltar o ingenho e arte.

Feito este pequeno introito, podemos começar.

O Frio Tem sido glacial o destes últimos dias. O algarvio, pouco acostumado a estas baixas de temperatura, defende-se: se é novo, procura os clubes onde há dança e, sobretudo, se houver serviço de bufete, pois a bebida e a dança são dois elementos formidáveis de ataque ao frio; e, assim, está resolvido o problema da noite invernal; se é já quarentão e pesado, o remédio é outro: procura abrigo no Arcada, no Cunha ou no Jota-Bar, ou, então, recorre em casa ao aquecedor eléctrico, mas, só no caso da sua habitação não ter caído na escolha municipal do precioso presente dum gastrónomo contador, porque então a solução, a meu ver, é outra: gasta 600 e instala-se num precioso «fauteil» do Teatro António Pinheiro, onde há «chaufage» permanente e passa uma noite admirável.

E ainda, se o frio só nos apouquentasse de noite, o problema estava resolvido; mas, ultimamente, mesmo de dia nos causa arrepios.

No último domingo, só apetecia jogar o futebol, mesmo aqueles cuja profissão é diferente, pois o frio foi de tal ordem que o carinhoso regente da Banda, num gesto sublime, tal como lendário pelicano arrancou do peito o alimento para os próprios filhos, ele arrancou das estantes os papeis e mandou os «rapazes» fazerem exercícios, por não poderem permanecer no coreto.

Só quem aqui vive sente o

Um Prontuário Ortográfico

«A todos os que sacrificam nas avas do ensino o melhor do seu esforço e boa vontade, para que tenham um cirenue que os despense um tudo nada do peso da sua cruz; aos queridos miúdos que tão cedo começam a crear as tenras pestanas na sarça ardente de uma língua que, por ser tão bela, não deixa de ter «senão»; e também aqueles que desejam perpetuar a integridade e a beleza dum idioma que foi nas caravelas ensinar ao mundo a história dos lusíadas e acompanhou a cruz para revelar ao gentio os princípios da civilização cristã».

Esta é a dedicatória que o Prof. Sampaio e Melo abre o seu «Prontuário Ortográfico da Língua Portuguesa», um pequeno livro que, pelo critério com que foi feito e pela minúcia que o norteou, é, sem dúvida, o melhor livro no género aparecido e de acordo com o Decreto n.º 35228, de 8 de Dezembro de 1945.

A indicação de alguns dos assuntos tratados neste Prontuário, editado pela Livraria Domingos Barreira do Porto (que, cumpre dizê-lo, à causa do Ensino tem prestado grandes serviços), basta para dar uma ideia do seu valor. E!-los: Ditongos, Emprego de alguns fonemas, Divisão das palavras quanto à acentuação, semelhança e formação, Palavras homógrafas, homófonas e parónimas, Divisão silábica na translineação, Grafiça de algumas terminações nominais e verbais e Regras práticas.

No final do utilíssimo livro do Prof. Sampaio e Melo existe um prático «Vocabulário Comum», com vocábulos de uso corrente que oferecem alguma dificuldade de ortografia, pronúncia ou flexão e um curioso e completo «Vocabulário Onomástico», com antropónimos, topónimos, prosónimos, mitónimos, etc.

ao seu pequeno predilecto pela quadra do Natal, poderão e deverão fazê-lo, todavia, em qualquer ocasião própria, certos de que acertarão na compra e na oferta.

frio glacial dos homens e das coisas...

Corridas de Destreza? Não!

Táctica, muita táctica é o que é mais necessário a todos os desportistas e dirigentes de clubes. Treinos, muitos treinos e ginástica, sobretudo para se conseguirem boas competições. E', assim, que os nossos têm feito figura.

Na época do defeso, preparam-se os desportistas para as futuras provas; e, então, estaremos autorizados a gritar bem alto, mas é preciso que o «Caetano» não nos oiça, que quem ganhou foi o Palmeira.

A última etapa de 40 quilómetros—Tavira-Loulé, contra-relogio, foi ganha pelo Ginásio.

Foi uma corrida vertiginosa. Andavam muitos na pista, mas o «spring» final foi ganho pelo corredor Joaquim Apolo. Este até do pedal é formidável e a sua habilidade é tanta que não me admira se um dia o vir trabalhar nos arames...

Tem arrancos colossais, que as suas pernas parecem movidas a electricidade, e só, assim, se justifica que na última corrida tivesse batido o Palmeira.

Porquê? Porque tem táctica, muita táctica, o que é mais necessário nesta coisa de corridas...

Grémio da Lavoura de Tavira

Batata-semente:

Previne-se os produtores que requisitaram batata-semente estrangeira, da variedade Arran-Banner de que devem efectuar quanto antes o seu levantamento. Informamos que o custo dessa batata é de 200.000 por cada sacco de 50 quilos.

Tavira, 14 de Janeiro de 1949

A Direcção

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Montepio Artístico.

EDITAL

João Simões Quintas Júnior, Engenheiro Chefe da 5.ª Circunscrição Industrial.

Faz saber que José Mendonça Viegas requereu licença para exploração de uma garagem de recolha de veículos automóveis, situada na Rua José Pires Padinha, n.º 158, freguesia de Santa Maria, concelho de Tavira, distrito de Faro, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho, perigo de incêndio, de explosão, cheiro desagradável e fumos.

Nos termos do Regulamento das Industrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição, com sede no Largo do Terreiro do Bispo (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, Secretaria da 5.ª Circunscrição Industrial, em 7 de Janeiro de 1949.

O Engenheiro Chefe

João Simões Quintas Júnior

RÁDIO Concertos em todos receptores de T. S. F. Executa técnico de subida competência. Nesta Redacção se informa.

Assinal o «Povo Algarvio»

TAVIRA

Terra de Velhas e

Belas Tradições Musicais

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Seus componentes não se aproximam da correção demonstrada pela sua congénere e rival «Limpinhos». Irrequietos, começam a ser notados. Por isso, uma alcupha lhes é dada—«Os namarrais».

A política parece não ter medrado em ambas as Sociedades; o que nelas existia e lhes dava vida era o partidário musical.

E, com três bandas de música, uma militar e duas civis, Tavira emprestava à Arte o melhor dos seus esforços.

Desta segunda banda popular foi seu primeiro regente o célebre cornetista Aureliano José Gonçalves. Em 1916 faleceu, e com o seu desaparecimento faleceu também «Os namarrais». Os «Limpinhos» ficavam só em campo, pois a Militar, em Julho de 1915, fôra transferida para Faro.

O Tenente João António Bernardo Júnior não se conforma com o seu acabamento. Em 1919, compra à sua custa novos fardamentos, desenvolve acção profícuca, e, novamente, dá vida à «29 de Setembro». «Os namarrais» ressuscita; mas, em 1922, após 21 anos de amargurados dias, definitivamente termina a sua existência.

Nesta segunda fase, fôra seu regente José Pedro Alexandrino de Almeida.

Em causa, só os «Limpinhos». Tavira sente bastante a falta das duas bandas: a Militar e a Civil.

Os «Limpinhos», por sua vez, entram em determinada conjuntura em completa decadência. E, assim, arrastando seus penosos dias, em 1925, um grande movimento na cidade se produz em prol da música popular. Os tavirenses não se conformam com a falta dos belos concertos semanais no seu belo jardim. Também não podem admitir a ideia de lhes ter sido retirada a Banda Militar, que desde sempre fôra colocada na sua cidade.

Obedecendo a um puro sentimento de Arte e bairrismo próprios, idealizam a criação de uma Banda Municipal.

Pedro de Freitas

FUTEBOL

Olhanense, 4 — Covilhã, 0
(ao intervalo 3-0)

Um jogo que não satisfaz ninguém, apesar do Olhanense ganhar folgadoamente.

Jogou-se muito mal, em virtude de um elemento, o vento, que, apesar dos notáveis progressos do nosso futebol—afirmações dos críticos da especialidade—os jogadores ainda não aprenderam a utilizá-lo no aproveitamento ou defesa das suas consequências.

Pontapés para a frente e correrias atrás de uma bola que não se sabia para onde ia, porque o vento se encarregava de a fazer subir ou mudar de direcção, não nos parece que seja futebol, sobretudo o futebol moderno com planos definidos de ataque e defesa.

Parece-nos também que outro elemento, o frio, contribuiu para a má tarde de futebol que se verificou, porquanto, tirando o esforço individual de um ou outro jogador, a apatia e falta de combatividade dos restantes só com o frio se pode justificar.

E.

HOJE - às 15 horas
em Vila Real de Sto. António
Lusitano-Estorial

Pela Província

Loulé

No passado dia 9 do corrente, realizou-se no Estádio Louletano o 10.º encontro de futebol, entre as equipas do Futebol Clube «Os Infalíveis» e o «Juventude Sport Campinense» para a disputa da taça «José dos Reis».

O encontro decorreu com grande perigo para o Campinense, logo de início, mas a sua defesa fez com que esse perigo passasse e se transformasse em algumas avançadas que deram a vitória.

O encontro terminou com o resultado de 3-0, a favor do Campinense, tendo sido uma das bolas metida por um dos jogadores dos Infalíveis.

O Campinense, sem favor algum, ganhou muito bem e não será fácil tirar-lhe a taça, pois só faltam dois jogos para terminar este Torneio.

A arbitrar este jogo o sr. Valente, que, mais uma vez, demonstrou as suas magníficas qualidades de árbitro.

Loulé realiza as suas tradicionais festas de Carnaval, de que fazem parte as já tão conhecidas batalhas de flores.

Realizou-se no passado dia 11 do corrente uma sessão na Santa Casa da Misericórdia, com o fim de nomear as seguintes comissões para as festas de Carnaval em Loulé—«Batalha de Flores»—

Comissão Executiva:

Srs. Dr. Jaime Guerreiro Rua; Virgílio Calado Cortes; José Gonçalves de Sousa Oliveira; Carlos da Graça Ramos; António de Sousa Leal; Manuel de Sousa Inez; José da Costa Alves e José Centeio de Sousa Martins.

Comissão Técnica:

Srs. José Ribeiro Ramos; João de Campos Santos; Joaquim António da Silva; Manuel Martins Mealha; José Francisco Maria; Sebastião Guerreiro Passarinho e Eduardo Segundo Silvestre Guerreiro.

Estas comissões foram nomeadas pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia, sr. José da Costa Guerreiro, secretariado pelos srs. Carlos da Graça Ramos, Virgílio Calado Cortes e Amadeu da Cruz.

Depois de ouvidas algumas das pessoas presentes, foi encerrada a sessão, tendo ficado logo inscritos vinte e dois carros para a referida festa.—E.

Revistas e Publicações

Revista de Portugal

Encontra-se publicado o n.º 69 desta revista fundada em 1942 e dirigida por Alvaro Pinto, com colaboração de alguns dos melhores filólogos portugueses, como Augusto Moreno, Xavier Fernandes, Pedro Machado, Prado Coelho, Almeida Lucas e Sá Nunes.

Além das secções habituais—Consultas, Bibliografia, Notas Várias e Suplementos—, este número da «Revista de Portugal» insere um estudo de Pedro Machado acerca de «O Nome do Profeta em Português», um artigo de Sá Nunes intitulado, «Etimologia e Ortografia» e um trabalho sobre termos botânicos, da autoria de José Inês Louro.

E' de salientar o facto desta Revista publicar, em todos os seus números suplementos, que, reunidos, formam ao fim de determinado tempo, verdadeiras separatas contendo trabalhos do maior interesse para os estudiosos da Língua em especial e para todos em geral, como sejam, por exemplo: «Ensaio de Filologia Românica», por Harri Meier; «Auto de Santo António, de Afonso Alvares», prefaciado e anotado por Almeida Lucas; e «A expressão léxico-gramatical do Leal Conselheiro», por Herbert Palhano.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa

Revisto, corrigido, aumentado e actualizado vai aparecer o «Grande Dicionário da Língua Portuguesa» do conhecido e admirado António de Moraes Silva, numa 10.ª edição, de harmonia com as regras do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 10 de Agosto de 1943.

Deve-se tal obra, de que está publicado e distribuído o primeiro tomo, aos Professores de Língua Portuguesa e eminentes filólogos Augusto Moreno, Cardoso Junior e José Pedro Machado, que actualizaram a ortografia, e a prosódia, emendaram as etimologias erradas e ampliaram e acertaram o vocabulário científico, actualizando-o, e à Editorial «Confluência» que a edita.

Felicitando os editores de tão valioso e completo Dicionário, pela meritória iniciativa que tomaram a peito e decerto a hão-de levar a bom cabo, felicitamo-nos a nós próprios por irmos possuir uma edição actualizada do velho Dicionário de Moraes, ao qual Camilo e Latino Coelho teceram grandes elogios.

Contos de Encantar

Assim se intitula uma engraçada e simpática colecção de livritos de contos de autores vários e editada pela Livraria Clássica Editora, que, por esse facto se tornou, desde há muito, credora da gratidão da pequenada portuguesa.

Todos os volumes—e já estão publicados oitenta e quatro, sendo as últimas «A Aventura dos Príncipes Gêmeos» e «Médico à força»—são ilustrados com desenhos muito engraçados no texto e capas a cores muito simbó-

O Império Colonial Português

Síntese duma Força, Documento Vivo duma Raça

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dum ideal sem émulo na história de todos os tempos, e as gaiotas, de asas brancas no fundo azul do céu, a voar sobre as cabeças dos navegadores, eram como que o adeus saudoso da Pátria; o adeus das mães, das irmãs, das filhas e das noivas, que na praia ficavam orando à Virgem do Restelo para que voltassem cobertos de glória os seus entes mais queridos.

Portugal chegou ao apogeu, quando as froças do Gama chegaram a Calecut e quando os peles vermelhas do Brasil saudaram pela primeira vez os homens de Alvares Cabral.

Lisboa tirara à Veneza dos Doges o poderio dos mares e as chaves do comércio que, até então, se fazia da Índia, por terra; mas a ideia principal dos descobrimentos foi menos comercial do que civilizadora. Diz Afrânio Peixoto, no «Maia e Estevas», que «o caminho das Índias não foi cravo e canela, foi fé e civilização»; e, por isso, os padroes, que os portugueses iam semeando pelas terras descobertas, atestavam a passagem do sopro da civilização cristã.

Depois das descobertas, não foi menos penosa a tarefa de submeter os indígenas e difundir entre eles o Evangelho. Houve lutas, correu sangue, mas, por toda a parte onde os portugueses passaram, ficou o cunho indelével da sua passagem.

Veio a dominação dos Filipinos. Portugal supultara-se com o seu rei, moço e aventureiro, nas areias escaldantes de Alcácer-Quibir. As nações inimigas da Espanha caíram sobre as colónias que tantas vidas nos haviam custado e o nosso Império ficou desmembrado. Porém, como após noites de tormentosa incerteza há sempre um dia radioso, assim, para Portugal, depois duma noite negra de sessenta anos de ignomínias e vilipêndios, brilhou o sol da libertação. Por entre as cinzas da derrocada, não se apagara totalmente o fogo do patriotismo; e, com a restauração da Metrópole, uma grande parte do Império foi também restaurada.

Mais tarde, a má orientação de alguns governantes deixou que se perdessem algumas colónias, mas ainda hoje o nosso Império, tal como é, representa um papel importantíssimo na economia do País. Em cada colónia, há fontes de receita quase totalmente inexploradas; mas o Estado Novo, na sua acção de vida e progresso, vai mos-

licas e pândegas. A do «Médico à força», por exemplo, representa um indivíduo com orelhas de burro e um nariz muito grande ao ser agarrado por dois outros precisamente pelas orelhas e pela nariz. Uma cena movimentadíssima que só por si nos diz de graça do texto!

Entre os volumetes desta colecção chamada «Contos de Encantar» mas também conhecida por colecção «Joaninha» contam-se «O Rei das orelhas de burro», «O coelho matreiro», «As botas saltaricas», «Histórias do Gato Gatão» e outros de encantar os leitores de palmo e meio.

trando, cada vez mais nítida, a esperança dum futuro próspero para essas possessões que têm estado quase esquecidas.

A Madeira, os Açores, Cabo Verde, a Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, o Estado da Índia, Macau e Timor, são as pedras preciosas do diadema imperial da nossa Pátria, que, «por mares nunca dantes navegados», mostrou a todos os povos o caminho das grandes realizações.

O nosso Império Colonial é pequeno, comparado com o que foi, mas é grande, muito grande, porque chega para lembrar ao Mundo as façanhas homéricas duma raça que não vacila.

GIL ANTUNES

Os Dominadores do Mundo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

no, eleger por chefe temporal, isto é, rei dos romanos, e futuro Cesar, aquele que melhor conviesse a este cargo», etc..

A expressão «chefe temporal do povo cristão», garantia a autoridade ao «chefe espiritual» da cristandade, e estabelecia um paralelo entre o território dum e doutro, e dava uma base jurídica para a preparação da monarquia universal na Europa. Daí uma rivalidade compreensível entre os príncipes europeus pela posse deste título e um cuidado zeloso, por parte da Alemanha, em conservar este simulacro do «Santo império romano».

E' daqui partiu a convicção dos alemães em considerarem o seu país como o principal do Mundo e o seu povo como o eleito de Deus.

E' conhecida a longa rivalidade entre Carlos V e Francisco I. Carlos V visava à monarquia universal e acariciava a ideia de assegurar a seu filho Filipe a corôa imperial e torna-la hereditária na sua casa.

Em 1678, a França estava preponderante, e desfeito o equilíbrio da Europa, encaminhando-se aquele país para a monarquia universal.

No dia seguinte à Revolução, Napoleão tomou a sua conta esta perigosa quimera. Soldado de génio, atravessa a Europa como vencedor dos seus tronos, e distribue cinco a seus irmãos e irmãs. Por meio dum divórcio, torna-se genro do imperador da Áustria, despoja-o do famoso título de «imperador romano», dando a seu filho o de «rei de Roma».

Nos seus gigantescos planos, entrava a sedutora miragem de «dar à França o império do Mundo». Mas toda a sua obra se desmorona, qual castelo de cartas, debaixo dos golpes da Europa coligada, e as suas mais sagazes manobras tornam-se inúteis. O sonho acabou, em vez da miragem, lêem-se no céu azul estas duas palavras: Waterloo, Santa Helena.

Em 1918, Guilherme II, perde a guerra, e a Alemanha não atinge o domínio da Europa, com a monarquia universal, como a megalomania alemã deseja. Com Hitler, mais uma vez se defaz a miragem do predomínio alemão na Europa.

E, presentemente, com Estaline, o mesmo sonho de grandeza, a mesma ância de predomínio europeu se manifesta. Agora, é a vez da megalomania russa. E'

Mensário das Casas do Povo

Recebemos o n.º 30 da revista «Mensário das Casas do Povo», editado pela Junta Central das Casas do Povo, e correspondente ao mês de Dezembro. Por se tratar do último número do ano de 1948, é a altura mais apropriada para realçar a grande obra de cultura popular que aquela publicação vem realizando. Na verdade, o «Mensário das Casas do Povo» pode ser apontado como símbolo de uma revista que, a nenhum preço, sacrifica as realidades profundas, o estudo dos princípios essenciais, as constantes eternas, aos interesses imediatos, aos dados actuais e superficiais. Não é um jornal, um «magazine» puramente distractivo. É uma revista séria, bem colaborada, e dedicada ao exame dos mais importantes problemas rurais portugueses, como o da educação, o da cultura, o da conservação dos costumes e tradições... A etnografia e o folclore, a filologia, e a bibliografia, o recreio e a arte têm o seu lugar em cada número do Mensário. É uma utilíssima contribuição para a cultura popular nacional—que não podemos deixar passar em claro.

Analisemos, a título de exemplo, o Mensário que temos em frente de nós... A apresentação gráfica, de que é responsável o director artístico, Manuel Couto Viana, é excelente. Bom gosto, sobriedade, originalidade. A anotar: uma capa curiosa, «O Trabalho, o Amor e a Esperança. Trilogia Eterna», com uma fotografia actual, a lembrar a mensagem intemporal da «Sagrada Família».

A abrir, um artigo oportuno de Armando de Lucena, «Usos e costumes portugueses em decadência», seguido de «O que se deve ler nas Casas do Povo», elementos úteis para a constituição de Bibliotecas e organização de Sessões de Leitura. Depois, a habitual secção do Dr. Vasco Botelho do Amaral, «O povo e a língua», e um artigo de Coelho do Valle, sobre «Salubridade Rural», a que se segue «Correio para a aldeia», e «Beleza e conforto do lar português», de Margarida Pacheco de Castro, que, desta vez, incide sobre «Arte caseira». Duas reportagens—elementos de jornalismo vivo—sobre a inauguração da sede social da Casa do Povo de Caldas da Saúde, e sobre a Casa do Povo do Cartaxo, esta integrada na rubrica «Quadro de Honra», destacam-se depois. As páginas centrais são dedicadas ao «Teatro do Povo», que não se cansa de percorrer a província, dando espectáculos de cultura popular. J. C. Freitas Barros analisa a sublime prece que é o «Pater Noster». O Dr. José Francisco Rodrigues termina o extenso e profundo trabalho que vem elaborando sobre «A família, a mulher e o lar». E as restantes páginas são ocupadas pelas secções usuais, «Guia prático das Casas do Povo», «Informações oficiais» e «Cultura e Recreio», onde se fala de história, tradição, jogos infantis, bibliotecas, e cujas perguntas e adivinhas, enigmas, palavras cruzadas e concursos de poesia obrigada a mote são de agrado certo, entre os trabalhadores rurais. Uma revista que cultiva o espírito, não deixando de o distrair, eis a síntese do Mensário das Casas do Povo, publicação que se impõe no quadro da imprensa mensal portuguesa.

TAVIRENSES:
Auxiliar o vosso Hospital

HORTA - Vende-se

Toda ou um talhão, situada no sítio do Pinheiro—Livramento—que consta de terra de semear, diverso arvoredado, água com abundância e casas de moradia para caseiro e senhorio.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário Manuel Jesus Viegas.

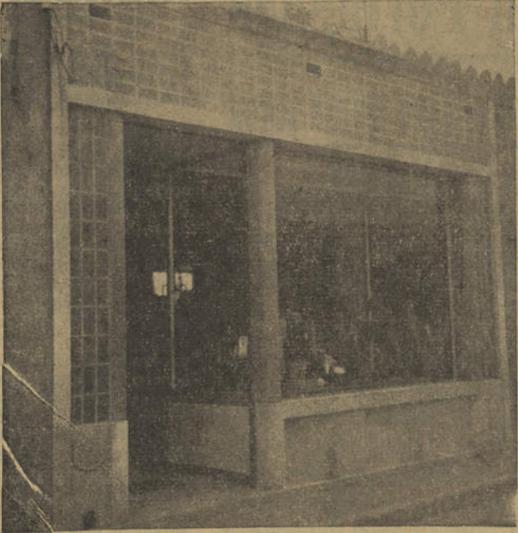
TAVIRENSES!
Se quizerdes manter o jornal da vossa terra, assinalai-o!

a História a repetir-se, mais uma vez, e sempre com os mesmos resultados: a ambição do domínio europeu, seguida da perda desta miragem enganadora.

Os dominadores do Mundo sempre tentaram converter este sonho em realidade, porém, jamais o conseguiram,—jamais o conseguirão.

Damião de Vasconcelos

Os proprietários deste estabelecimento comunicam ao Ex.^{mo} Público que acabam de receber um colossal sortido de gabardines de lã, premiáveis, sobretudo, cujos preços são de



Moderno estabelecimento UNIL

aproveitar, facilitando ainda esta casa o pagamento, a prestações mensais, ou semanais.

Srs. Automobilistas, motociclistas: Visitem o moderno estabelecimento UNIL, onde podem adquirir um bellissimo casaco ou blusa em cabedal com fôrro de lã ou de pele, luvas e passe-montanhas, etc.

Deseja calçar com elegancia? Faça as suas compras na UNIL. Sempre novidades, para cavalheiro, senhora e criança.

Já V. Ex.^a reparou que uma gravata, uma camisa, um chapéu, um pullover, ou qualquer outro artigo adquirido na UNIL, dá bom tom e distinção?

Rua Estácio da Veiga, 19

TAVIRA

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Wattez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

A venda a prestações não tem aumento de preço, quer em relógios, quer em Joias, Ouro ou Prata.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

Cabo de Aço
VENDE-SE

Em estado completamente novo, arqueada, pronta a aplicar em qualquer nora, com 50 metros de comprimento. Tratar com José Damião Neto—Tavira.

VENDEM-SE

Duas casas em Tavira sitas na Rua Tenente Couto com os n.ºs 19, 21 e 23.

Recebem-se propostas na Avenida 5 de Outubro, 114-3.º Esquerdo—Lisboa.

J. A. Pacheco
TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

MOTORES DIESEL
MARÍTIMOS
BURMEISTER

&

W A I N

A GRANDE MARCA EUROPEIA

MOTORES MUITO ECONÓMICOS E DE LONGA DURAÇÃO
PARA ENTREGA IMEDIATA EM LISBOA

90 H. P. — 450 R. P. M.

Para entrega imediata na Fábrica

135 H. P.—180 H. P.—240 H. P.

Completos com Veio, Manga e Hélice

H. VAULTIER & C.^A
F A R O

VENDEM-SE

PROPRIEDADE RUSTICA na Fonte Salgada, em Tavira.

CASA com grande quintal na Rua Guilherme Gomes Fernandes, 34-36 em Tavira.

Propostas em carta fechada para Dr.^a Maria Paixão, Largo da Graça, 71-r/c Dto. em Lisboa.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia

Rua de Santo António, 32 - 1.º

TELEFONE: Consultório e Residência 368

F A R O

R Á D I O

Aparelho de T. S. F. de pilhas e corrente. Vende-se novo. Nesta Redacção se informa.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

F A R O

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

ESTABELECIMENTO

Trespasa-se, na Rua Almirante Cândido dos Reis, casa de vinhos e seus derivados, com todo o vazilhame, aparelho de T. S. F., bilhar-laranjinha e diversa existência. Tem casas de habitação. Quem pretender, dirija-se a Sebastião Vaz da Costa, no referido estabelecimento.

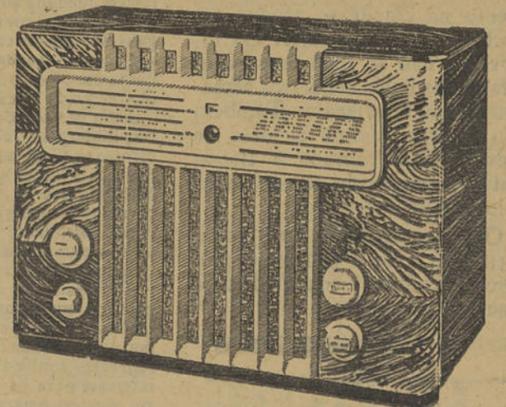
Aparelhos de T. S. F.

DAS MAIS REPUTADAS MARCAS MUNDIAIS

Aparelhos para pilhas e corrente

Receptor "His Master's Voice" para 1949

- a última palavra da T. S. F.



RECEPTORES DE BATERIAS
AERODINAMOS



GRAFONOLAS

His Master's Voice, Columbia e Deca

DISCOS: as última novidades

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

Venda e aluguer de aparelhagens sonoras
Agência: Rua Dr. Parreira, 13—TAVIRA

VENDA A PRESTAÇÕES

— DE —

RELOGIOS E JOIAS

— NA —

Ourivesaria J. V. Mansinho